

Grevistas da USP prometem mais atos

Após bloquear a Cidade Universitária na manhã de ontem contra corte de ponto, eles pretendem ir até o Palácio dos Bandeirantes

Paulo Saldanha
Victor Vieira

Funcionários e alunos da Universidade de São Paulo (USP) fecharam ontem, por toda a manhã, os três portões da Cidade Universitária, na zona oeste da capital, em protesto contra o corte de ponto de grevistas. Segundo a direção do Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp), que comandou o ato, é a primeira vez em mais de 30 anos que todas as entradas principais do câmpus são fechadas. Em assembleia à tarde, os grevistas prometem intensificar os protestos. No dia 14, eles pretendem fazer um ato no Palácio dos Bandeirantes.

A reitoria informou que vai comunicar o fechamento à Justiça, por entender que ele contraria decisão judicial de reintegração de posse concedida no dia 24 de julho. A paralisação já dura mais de 70 dias. Funcionários e professores entraram em greve após a reitoria – em conjunto com a Unesp e a Unicamp – decidir pelo congelamento dos salários dos funcionários e professores por causa da crise financeira pela qual passa a universidade.

Segundo o Sintusp, cerca de 600 pessoas participaram do ato de ontem, que começou às 5h30 com o “tranco” das portarias. Alunos, funcionários que não aderiram à greve e até gente de fora da USP tentaram entrar no câmpus, sem sucesso. A doméstica Evanilde Gonçalves, de 39 anos, teve de pular o portão com o filho Luiz, de 11, para levá-lo à Escola de Aplicação, onde ele estuda. “Eu nem trabalho aqui, não tenho nada a ver com isso. Mas ele tem uma viagem da escola e não queremos perder”, disse. A estudante francesa Laurie Chesnel, de 22 anos, foi surpreendida pelo bloqueio. “Na Poli (Escola Politécni-



Protesto. Após fecharem os portões, pela manhã, grevistas fizeram passeata no entorno da Cidade Universitária

Universidade fala em 10% de adesão

● Segundo a USP, 10% dos professores e funcionários cruzaram os braços. Os sindicatos calculam participação maior. Professores e funcionários das três universidades estaduais pedem reajuste salarial de acordo com a inflação, mas, até agora, os reitores mantiveram o congelamento de salários. Segundo os dirigentes das universidades, a medida é uma tentativa de sanar o déficit financeiro das instituições, que gastam quase toda a receita com as folhas de pagamento.

ca), as aulas têm ocorrido normalmente, não pensei que haveria isso”, disse ela, que faz estágio para dupla titulação em Engenharia Civil.

Após o bloqueio, o grupo realizou uma passeata pelo entorno do câmpus. O trânsito ficou complicado nas Ruas Corifeu de Azevedo Marques e Vital Brasil. A manifestação só acabou às 13h50, na frente do prédio da reitoria, onde há um acampamento em apoio à greve. “Para nós, a prioridade agora é reverter os cortes. Depois, é ter a certeza de abertura de negociação”, disse Marcelo Pablito, um dos diretores do Sintusp.

Corte de ponto. A reitoria defende que o corte no ponto dos

salários dos grevistas tem como base a lei n.º 7.783/1989, artigo 7.º. Em nota, a instituição afirmou que o ato de ontem contraria a decisão judicial. “O fechamento dos portões prejudica as atividades administrativas e acadêmicas da universidade no dia de hoje e se caracteriza como descumprimento da liminar.” Segundo a USP, a liminar se refere a todos os prédios da Cidade Universitária.

A folha de pagamento já representa 105% dos repasses do Estado para a universidade, motivo pelo qual, diz a reitoria, seria impossível dar reajuste. Para o funcionário Reinaldo Souza, de 27 anos, falta transparência à gestão do reitor Marco Antônio Zago. “Ele diz que não tem di-

nheiro, mas não abre as contas da universidade”, diz. Nova reunião entre os reitores e trabalhadores está marcada para o dia 3 de setembro.

Em assembleia à noite, os alunos também aprovaram a continuidade da paralisação, em apoio ao movimento de professores e funcionários pelo reajuste. Com o fim das férias, a expectativa dos grevistas é de aumentar a participação dos estudantes nos protestos.

Em algumas unidades, como a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, todas as classes foram suspensas e são feitas atividades para debater a greve. Já em outras escolas, como a Faculdade de Economia, a rotina é normal.

Mais de mil têm desconto por dias parados

Mais de mil funcionários da USP, em greve há mais de dois meses, tiveram o ponto cortado nos salários pelos dias parados, segundo dados preliminares da reitoria. A instituição tem hoje quase 17 mil servidores. Apesar de ameaças, os últimos reitores evitaram tomar essa medida.

Como não há registro de ponto docente, os professores não tiveram a mesma punição. A reitoria deixou a cargo dos diretores e dirigentes das unidades a decisão de descontar. A maioria dos funcionários punidos é dos órgãos da administração central.

Cada diretor optou por um tipo de desconto: de todo o mês parado ou de apenas alguns dias. Outros diretores descartaram a possibilidade de corte, por concordarem com a greve ou para evitar desgaste com os servidores. No último encontro entre o reitor e os diretores foi discutida a possibilidade de um parâmetro comum para orientar os descontos.

Doações. O corte de ponto ajudou a acirrar os ânimos até mesmo entre os grevistas que não foram punidos. “Não defendemos descontos, mas faltou isonomia: cortar salário de funcionário e não de docente”, criticou o presidente da Associação de Docentes da USP (Adusp), Ciro Correia. “É um retrato da irresponsabilidade e da falta de princípio ético e legal”, disse.

A Adusp e o sindicato de funcionários têm pedido doações para ajudar os grevistas punidos. /V.V.

HÉLVIO ROMERO/ESTADÃO